



Boletim de Notícias NS

NSDAP/AO : PO Box 6414
Lincoln NE 68506 USA
www.nsdapao.org

#1133

01.12.2024 (135)

Heróis desconhecidos da raça branca

Parte 6

Walt Disney

Não gostaria que a história da sua vida fosse escrita por Mare Eliot. A menos que, por acaso, seja um judeu marxista ou um judeu amante da raça. É compreensível que nenhum homem branco que se preze possa esperar um tratamento justo às mãos desta biógrafa. Mas enquanto viveres, não terás nada a temer de pessoas como o Sr. Eliot. Porque ele faz parte da nova geração de abutres "politicamente correctos" que se banqueteam com as reputações de homens mortos. Uma forma barata e fácil de suscitar polémica para um livro (polémica = vendas) é difamar uma personalidade convenientemente falecida, cuja memória ainda é geralmente venerada. E se a vítima em questão não era amiga dos judeus, então as hipóteses de qualquer chacal literário ganhar críticas brilhantes em órgãos de boca hebraicos como o "New York Times" estão



Walt Disney

virtualmente asseguradas. A cobardia de tais necrófilos é sublinhada pelo facto de as pessoas sobre as quais escrevem não poderem defender-se, porque estão todas mortas.

Depois de terem destruído a fama de heróis brancos como Henry Ford, H. L. Mencken e Charles Lindbergh, os vulturistas saltam para o próximo objeto da sua voracidade, desta vez, nada mais nada menos do que Walt Disney. Se há alguém que não precisa de apresentações, esse homem é o tio Walt, uma das figuras mais amadas do século XX. Isto é, até que Mare Eliot decidiu arrecadar royalties ao cair nas graças dos poderosos sionistas e ao destruir liberalmente o nome de um verdadeiro génio ariano. Não é de estranhar, portanto, que o outro livro de Eliot, "Down Thunder Road", seja um elogio a Bruce Springsteen. O autor é, portanto, um desses inimigos vira-casacas da cultura branca, que vendeu a sua própria raça ao inflacionar o hype de um rock 'n roller kosher drasticamente sobrevalorizado, ao mesmo tempo que mancha de tinta e se esforça por afastar os autênticos heróis brancos, como o criador de "Fantasia", pela distorção incoerente de um judeu seboso e gritador. Ironicamente, as coisas que Eliot considera mais chocantes são exatamente os acontecimentos da vida de Disney que qualquer leitor são aplaudirá. Para os nacional-socialistas, em especial, o "Príncipe Negro de Hollywood", como é tão denegrado no subtítulo da biografia, será mais valorizado do que nunca.

Uma armadilha judaica para a Disney

Apesar da sua hostilidade declarada em relação ao seu objeto de estudo (inveja?), o autor revela pela primeira vez na imprensa a surpreendente extensão do passado nacional-socialista de Walt Disney e a sua luta, geralmente desconhecida, ao longo de toda a vida contra a tomada de controlo do seu estúdio e do seu país pelos judeus. Eliot conta como Disney começou como um jovem e obscuro ilustrador no início da década de 1920, quando deixou a sua casa no Kansas para tentar a sorte em Hollywood. A primeira personagem de Walt, Alice (de Lewis Carroll), mostrou as suas técnicas cinematográficas inovadoras, que combinavam figuras animadas com actores vivos. Mas ele precisava de um distribuidor para fazer da sua Alice um sucesso. Na altura, tal como agora, a distribuição de filmes era o feudo privado dos judeus, que, como que por instinto, desde os primeiros dias do cinema sentiram o seu poder sem precedentes para alcançar e moldar as mentes das massas gentias. Consequentemente, Milton Feld foi o primeiro agente de Disney, que o colocou no caminho para aquele ninho de ratos talmúdico, a cidade de Nova Iorque. Lá, ele caiu nas garras de Margaret Winkler. Ela geriu a primeira distribuição da sua série Alice, pela qual ele recebeu 1.500 dólares por filme, pouco suficiente para

justificar os custos de produção, mas foi um começo humilde pelo qual o ingênuo artista do Midwest ficou sinceramente grato.

Alguns meses mais tarde, porém, Winkler informou-o de que estava a reduzir os seus pagamentos quase para metade, porque a sua série não tinha sido bem recebida e estava a perder dinheiro nas bilheteiras. Eliot escreve: "Disney estava muito menos preocupado com a redução do que com o facto de os seus filmes não terem tido mais sucesso. Ele não tinha como saber que a decisão de Winkler não tinha nada a ver com a qualidade dos seus filmes. Os filmes de Disney tinham, de facto, sido dos mais bem sucedidos do grupo de Winkler e tinham começado a ganhar seguidores ao longo da costa leste. No entanto, tendo casado recentemente com Charles B. Mintz, um antigo agente da Warner Bros, Winkler entregou-lhe o controlo total da sua empresa. Mintz reduziu imediatamente todos os pagamentos aos fornecedores da empresa, independentemente dos lucros dos seus filmes." Agora, a armadilha de Walt Disney estava em curso.

Um dia, Mintz apareceu inesperadamente no estúdio Hyperion e mentiu a Walt e ao seu irmão, Roy, que a série Alice estava a ser cancelada por falta de interesse. Walt "fechou-se no seu escritório e ficou lá durante o dia e a noite seguintes, recusando-se a falar com qualquer pessoa e culpando-se pelo fracasso da empresa. O que ele não sabia era que Mintz se deslocava regularmente entre Nova Iorque e Hollywood para negociar um acordo com Carl Laemmle, o fundador da Universal Pictures, para um coelho de desenhos animados para competir com a série de grande sucesso Felix the Cat. Quando o acordo ficou concluído, Mintz pensou numa forma de fazer com que os Disneys criassem a nova personagem e, se tudo corresse como planeado, os "bumpkins" (ou "goyim"?, AVS), como Mintz se referia aos Disneys nas suas costas, acabariam por lhe implorar que tomasse conta do seu estúdio para cimentar o acordo. Depois de deixar passar alguns dias, Mintz fez outra visita à Hyperion, desta vez com "boas notícias". Talvez conseguisse salvar o negócio, disse aos irmãos, se eles conseguissem criar uma personagem original de desenhos animados, algo do género de, digamos, um coelho".

O Coelho na Armadilha, da Disney

Totalmente enganado por aquilo que supunha ser a ajuda simpática do seu distribuidor judeu, Walt trabalhou demasiado para finalmente produzir "Oswald, o Coelho Sortudo". Para quem é que Oswald ia ser sortudo viria a revelar-se a seu tempo. Mintz, como intermediário vendido, recebeu o dobro da sua taxa de distribuição, assinando também "inkier" para a agência fictícia da sua mulher não

envolvida, "criando assim duas paragens corporativas entre Walt e Laemmle". Oswald foi um sucesso instantâneo e enorme, gerando "lucros consideráveis" para o agente judeu e o desenho animado judeu. Ele só começou a revoltar-se quando descobriu acidentalmente que Mintz e Laemmle estavam a arrecadar milhões adicionais ao comercializar Oswald em brinquedos, chocolates, roupas e outros artigos para crianças, tudo sem o seu conhecimento, consentimento ou participação. Mintz fingiu comiseração e dissuadiu-o de qualquer ação que pudesse alienar o Sr. Big, Carl Laemmle.

Em fevereiro de 1928, com Oswald e o Coelho Sortudo a serem os desenhos animados mais populares nos ecrãs de cinema de toda a América, Disney foi com a sua mulher, Lillian, renovar o seu contrato em Nova Iorque com Mintz, que "teve grande prazer em apresentar Walt a vários produtores e realizadores que vinham agora conhecer o jovem animador de Hollywood". Nesse mesmo dia, Mintz sentou Walt no seu garrido escritório da Quinta Avenida. "Então, sem perder tempo, de uma forma calma e intensa, diferente da que tinha mostrado ao almoço, Mintz transmitiu o que disse ser a sua única oferta. Com efeito imediato, o adiantamento da Disney por desenho animado seria reduzido de 2.250 dólares para 1.800 dólares. Se isso fosse inaceitável, a única alternativa seria a Snappy (a agência de Mintz) assumir toda a produção dos desenhos animados de Oswald. E, Mintz avisou Walt, ele usaria a própria equipa da Disney para o fazer! (itálico de Eliot)" Esforços conspiratórios tipicamente iídiche já estavam em curso na longínqua Hollywood no mesmo momento em que Mintz dava graxa a Walt durante o almoço, quando a maioria dos animadores de Disney simultaneamente "entregaram as suas demissões para aceitar cargos na Snappy". Aproveitando a angústia de Disney perante o seu inesperado ultimato, Mintz fingiu ceder e ofereceu-se para permitir que Walt ficasse com os direitos de Oswald, se Snappy conseguisse obter os direitos de 50% dos estúdios Disney. Era a eterna história da conviência do Diabo pela posse de uma alma humana.

Seguindo o conselho de Roy, Walt renunciou aos direitos da sua própria criação, Oswald, o Coelho Sortudo, perdendo assim todo o seu rendimento, mas manteve a propriedade do seu estúdio drasticamente diminuído. Praticamente todas as esperanças para o futuro desapareceram com a sua propriedade roubada, Walt e Lillian entraram tristemente na longa viagem de regresso a casa. Foi nesta viagem deprimente, no entanto, que o génio ariano que responde a grandes obstáculos deu à luz no intelecto fértil de Walt Disney para produzir o Rato Mickey. O resto é história. Totalmente obscurecido pela sua nova personagem foi o destino de Oswald, o Coelho Sortudo, que inicialmente se revelou tão popular sob a orientação de Disney. Sem o seu criador, no entanto, a sorte de Oswald

rapidamente se esgotou e ele murchou depois de apenas alguns rolos, caindo no esquecimento. Os esforços dos judeus para gerar lucros perpétuos através de Oswald e a sua tentativa de se apoderarem dos estúdios Disney não deram em nada, enquanto a Walt Disney Productions alcançou uma aclamação mundial sem precedentes durante a década de 1930.

Disney no "Partido Nazi Americano"

Walt, com os olhos sempre fixos na sua arte, não se apercebeu do denominador comum judeu que ligava Feld, Winkler, Mintz e Laemmle, e preparou-se assim para outro conflito de vida ou morte com os judeus, quando ingenuamente permitiu que os judeus se juntassem à sua organização em rápida expansão. É certo que, quando ainda estava a lutar pela sua existência, poucos acreditavam que ele pudesse regressar após a conspiração de Mintz. Mas com o seu sucesso inesperado com Mickey Mouse, os judeus começaram a olhar para ele novamente como um meio para atingir os seus objectivos. Entre os animadores pós-Mintz que se juntaram aos estúdios Disney estava Arthur Babbitt. Sem que Walt soubesse, para além de ser judeu, Babbitt também foi citado pelo FBI como simpatizante comunista. Começou a preparar secretamente as bases para uma greve que levaria os empregados da Disney a aderir à Cartoonist Guild, abertamente marxista. O facto de esses mesmos empregados serem os animadores mais bem pagos do ramo, com condições de trabalho exemplares, não teve nada a ver com as exigências de Babbitt, porque a sua única intenção era fazer da Disney Productions mais uma fábrica de propaganda vermelha. Depois de exaltar (e inadvertidamente expor) a criação e manipulação do Screen Writers' Guild pelo Partido Comunista dos Estados Unidos, Eliot afirma que os comunistas "continuaram a desempenhar um papel importante na politização dos cidadãos de Hollywood" nos anos 1940.

Tendo sido anteriormente confrontado com a extinção às mãos dos judeus capitalistas, Disney era agora confrontado com judeus comunistas que pretendiam apoderar-se do seu estúdio. Os métodos eram diferentes, mas o inimigo era o mesmo. Finalmente, ele reconheceu a identidade do perigo e começou a procurar respostas. Segundo Eliot, "durante o tempo em que Disney ajudou a organizar os cineastas independentes contra a corrente dominante da indústria, ele também acompanhava Lessing (Gunther Lessing), advogado e amigo íntimo de Disney, a reuniões e comícios do Partido Nazi Americano (sic)". O Partido Nazi Americano foi fundado em 1958, cerca de 20 anos após os acontecimentos descritos por Eliot. Os comícios a que Walt Disney assistiu foram conduzidos pelos "Camisas de Prata" de William Dudley Pelley, uma organização nacional-socialista inicial, não

um partido com qualquer agenda política, exceto a preservação da neutralidade dos EUA.

Babbitt, o instigador da greve, seguia Disney até às reuniões dos Camisas de Prata e espiava-o: "Nos anos imediatamente anteriores à nossa entrada na guerra, havia um pequeno mas ferozmente leal, suponho que legal, grupo de seguidores do Partido Nazi. Podia comprar-se um exemplar de "Mein Kampf" em qualquer banca de jornais de Hollywood. Ninguém me pediu para ir a nenhuma reunião, mas eu fui, por curiosidade. Eram reuniões abertas, qualquer pessoa podia assistir, e eu queria ver com os meus próprios olhos o que se passava. Em mais de uma ocasião, vi lá Walt Disney e Gunther Lessing, juntamente com muitas outras personalidades proeminentes de Hollywood afectadas pelos nazis (sic). Disney estava sempre a ir a reuniões. Fui convidado para ir a casa de vários actores e músicos proeminentes, todos eles a trabalhar ativamente para o partido nazi americano. Contei a uma amiga minha, que na altura era editora da revista "Coronet", que me encorajou a escrever o que observava. Ela tinha alguns contactos com o FBI e entregou os meus relatórios". O facto de o marxista Babbitt não ter escrúpulos em cooperar com o arqui-conservador FBI quando se tratava de combater os nazis não deve surpreender ninguém que saiba que a duplicidade é uma segunda natureza da mentalidade judaica. Não foi sem razão que Disney se referiu a ele como "o rato de esgoto chefe".

Rato Mickey ou rato preguiçoso?

Mas foi ao ouvir os oradores nacional-socialistas que Wait teve o seu verdadeiro despertar político. Pela primeira vez, tomou conhecimento dos factos sobre a judaização de Hollywood e começou a compreender as causas subjacentes ao seu próprio dilema com Mintz, et al, seguido dos seus problemas actuais, à la Babbitt. Ironicamente, a tomada de controlo judaica da indústria cinematográfica americana não é apresentada de forma mais sucinta do que na biografia anti-Disney de Mare Eliot. Ele salienta que o cinema começou por volta do final do século como uma empresa inteiramente gentia, liderada pelo seu inventor, Thomas Alva Edison. Ele e o resto dos seus colegas cinematógrafos arianos estavam bem cientes da sua responsabilidade pública, especialmente em relação às crianças, de apresentar filmes éticos e de alta qualidade que fossem moralmente sólidos e artisticamente edificantes.

No entanto, o instinto judaico não tardou a descobrir as possibilidades financeiras deste novo meio de comunicação, apelando às inclinações mais baixas das massas:

"Edison ficou muito perturbado com a súbita e arrebatadora popularidade da primeira novidade do novo século, os nickelodeons de rua, salões de diversão que apareceram pela primeira vez no Lower East Side de Nova Iorque. Ele achava que eles desvalorizavam a sofisticada arte do cinema ao oferecerem "peep shows" e outras diversões lúgubres destinadas a satisfazer os prazeres carnavais dos trabalhadores. Em 1910, Edison formou a primeira aliança cinematográfica, que veio a ser conhecida como "Trust". O seu objetivo era proteger o público (e os seus próprios interesses financeiros) do tipo de lixo imoral produzido por aquilo a que ele chamava os "proveitadores judeus", que não só dirigiam os nickelodeons como também faziam os seus próprios filmes para os exhibir. Em resposta, um grupo independente de cineastas maioritariamente judeus, liderado por Carl Laemmle, formou a sua própria organização de distribuição, ou bolsa, como lhes chamavam. Organizaram um sistema clandestino eficaz, se bem que ilegal, para importar películas e equipamento estrangeiro que lhes permitia continuar a fazer filmes."

No entanto, Edison não era um fracote supercivilizado, como os fracotes corporativos de hoje. Organizou os seus próprios Stormtroopers. Como Eliot relata corretamente, "Eles destruíram os salões de jogos e atearam fogo nos bairros que os albergavam." Era o único argumento que os judeus entendiam e funcionou. Nova Iorque estava novamente limpa. Mas os judeus não se destacam senão pela sobrevivência, e a máfia Laemmle, "para se distanciar o mais possível de Edison", emigrou para a Califórnia. "Lá encontraram imóveis baratos, um clima perfeito e a proteção natural de uma zona tampão de 3.000 milhas. A Califórnia deu-lhes uma segunda oportunidade para fazerem os seus filmes.

"Ao contrário dos seus homólogos da Costa Leste, os directores dos estúdios de Hollywood estavam menos interessados na experimentação artística do que no lucro. Punham no ecrã o que vendia mais. O público estava disposto a pagar para ver filmes cheios de sexo e violência, e Hollywood estava mais do que feliz em fazê-los. No entanto, os magnatas de Hollywood não faziam ideia do que se entendia por filmes "socialmente aceitáveis". Não sabiam se os seus filmes eram morais ou imorais e não se importavam com isso. Para eles, os filmes eram estritamente veículos de lucro, não instrumentos de expressão. Quanto mais dinheiro um filme fizesse, melhor era. Sempre que a indústria era atacada por ser moralmente corrupta, nenhum dos proprietários de Hollywood acreditava que o problema tinha algo a ver com moralidade.

"O que, evidentemente, era precisamente o problema. Entre aqueles que corretamente viam Hollywood como dominada por judeus, para muitos no governo

e no sector privado não passavam de pagãos, incapazes de compreender, quanto mais de projetar, a essência da moralidade cristã. Acreditavam que os empresários judeus de Hollywood tinham corrompido uma forma de arte com o objetivo de ganhar dinheiro e, ao fazê-lo, tinham contribuído para a crescente corrupção moral da América. Eram, nas palavras de Henry Ford, um exemplo perfeito do problema crescente da América, o influxo do século do 'judeu internacional'".

Ford também não foi o único americano ariano famoso a opor-se à Hollywood hebraica. William Randolph Hearst, "que não era amigo nem dos judeus nem da indústria cinematográfica", publicou uma série de editoriais que documentavam a degenerescência e o marxismo que o cinema veiculava. "A campanha de Hearst recebeu muito apoio no Congresso, onde a definição de moralidade cinematográfica se tinha alargado ao longo dos anos para incluir não só a provocação sexual mas também a subversão política. Em março de 1929, o senador americano Smith Brookhart resumiu o que considerava ser a deterioração da situação em Hollywood como nada mais do que uma batalha pelo lucro à custa da moralidade sexual e social entre estúdios concorrentes, liderados por 'grupos de judeus'."

O Rato Mickey e a suástica

Assim exposto aos factos do poder judaico em Hollywood, os véus caíram dos olhos de Walt Disney e ele jurou manter o seu estúdio livre de judeus para sempre. Para além da preocupação com a sua arte, ele queria combater a mesma ameaça que ameaçava o seu país e a sua civilização. Consciente de que pertencer a um grupo abertamente nacional-socialista só serviria para alimentar as fogueiras preparadas para ele pelos seus inimigos, Disney aderiu ao "mais respeitável" movimento America First, uma organização de grupos conservadores, de direita e até fascistas e nacional-socialistas da nação, incluindo os Silver Shirts, em oposição popular à histeria de guerra que estava a ser gerada desde a capital da nação, Washington, D.C., até à capital do cinema, Hollywood. Walt tornou-se, de facto, um ativista declarado, chegando mesmo a partilhar o mesmo pódio com Charles Lindbergh em comícios de massas e discursos radiofónicos do America First por todo o país,

Sempre espirituoso, não resistiu a inserir sub-repticiamente nas suas ilustrações um apoio crítico à Causa. Inevitavelmente, tanto os amigos como os inimigos aperceberam-se disso: Houve quem comesse a ver "sinais secretos" no trabalho de Disney, incluindo, num caso, uma suástica no painel final de uma tira de

desenhos animados do "Rato Mickey" de 19 de junho de 1940. A onda de apreensão em torno da tira acabou por chegar à secretária de J. Edgar Hoover, depois de um dos "fãs" de Disney ter escrito ao chefe do FBI citando a edição de 19 de junho. O 'fã' avisou que 'na última secção de Mickey Mouse de Walt Disney há uma suástica muito distinta na forma de duas notas musicais cruzadas'. De facto, a cruz em gancho em questão não parece ser acidental, devido à sua colocação sobre as palavras "the old cowhand". Disney, um ávido cavaleiro, referia-se frequentemente a si próprio entre os seus companheiros de fim de semana como "um velho vaqueiro". A caricatura foi provavelmente concebida como uma piada interna, o único sítio público onde Walt sentiu que se podia identificar com o nacional-socialismo, ainda que de forma enigmática.

Entretanto, a greve de Babbitt estava a prejudicar o seu estúdio, ao afastar os principais animadores. Os grevistas judeus comunistas trabalhavam lado a lado com os magnatas judeus capitalistas do cinema, ainda ansiosos por controlar a Disney, de uma forma ou de outra, como Frank Tashlin, chefe da empresa "Screen Gems" de Harry Cohn: "Entre os primeiros a assinar com Tashlin estava David Swift, um dos mais jovens e promissores animadores da Disney. Quando Walt soube dos planos de Swift para sair, segundo o artista, "finalmente chamou-me e, pondo um falso sotaque judeu, disse: 'Muito bem, Davy, vai trabalhar para aqueles judeus. É aí que pertences, com esses judeus'".

Judeu de topo apodera-se dos estúdios Disney

Os esforços de Disney para evitar que o seu país caísse numa guerra pela libertação dos lucros dos judeus tiveram um fim súbito imediatamente após Pearl Harbor. O seu estúdio foi confiscado pelas forças do exército americano e ele foi forçado a produzir curtas-metragens de propaganda por ninguém menos do que o Secretário do Tesouro, Henry Morgenthau, autor do "Plano Morgenthau", encharcado de sangue, para liquidar o povo alemão pelo seu pecado imperdoável de antissemitismo. Queixou-se amargamente a Roy e a Lessing de que o estúdio estava agora a ser obrigado a aceitar "aquele judeu", como Walt se referia ao Secretário, não apenas como conselheiro mas como um parceiro de pleno direito que queria mandar em tudo. Para Walt, o estúdio funcionava agora com a mensagem de Morgenthau transmitida pelos mensageiros de Disney - filmes de propaganda política que tiravam partido da popularidade do rato americano Mickey, da sua namorada Minnie, do amigo Donald, do companheiro Pateta e do cão Pluto. A certa altura, diz-se que Disney se referiu às suas queridas personagens

como cativas, forçadas a atuar como se fossem muitos pinóquios para um Morgenthau do tipo Stromboli".

Mas a ocupação judaica dos estúdios Disney foi de curta duração e os militares retiraram-se em 1943. Depois disso, Walt continuou a lutar, ainda que inutilmente, contra a maré crescente do marxismo, sobretudo testemunhando perante várias investigações governamentais sobre a infiltração comunista nas artes e nos meios de entretenimento. Mas os judeus nunca mais conseguiram entrar na Disney Productions, pelo menos enquanto ele viveu, e o seu nome continuou a ser considerado em todo o mundo como sinónimo de excelência cultural popular.

Disneyland invadida por ratos

Após a sua morte aos 65 anos, em 1966, o estúdio passou para os seus herdeiros. As suas disputas e incompetência conduziram a um rápido declínio do produto e da empresa Disney, gerando uma crise perigosa para o seu legado artístico e financeiro, ao mesmo tempo que abriam novas possibilidades para o Velho Inimigo: "Um homem baixo e redondo, com olhos esbugalhados e cabelo preto que um sócio descreveu como não tão escuro como o seu coração, Saul Steinberg chegou à conclusão de que, no seu atual estado de fraqueza, a Walt Disney Productions estava perfeitamente posicionada para uma aquisição empresarial. O que atraiu Steinberg foi o declínio contínuo do valor das acções da Disney. No início de 1984, a Disney estava a ser negociada a 45 dólares por ação, um valor inferior ao máximo de 84 dólares do ano anterior. Steinberg queria adquirir o estúdio em dificuldades para vender os seus activos individuais - a biblioteca de filmes, o estúdio de Burbank, os parques de diversões - pelo que ele calculava que lhe traria o equivalente a 100 dólares por ação, um enorme lucro de mais do dobro do seu investimento."

Mas Steinberg foi apenas o primeiro dos chacais atraídos pelo cheiro a carniça da oportunidade pessoal no declínio da Disney Productions: "Os desenvolvimentos na Disney chamaram a atenção da nova geração de arbitradores de Wall Street, investidores em grandes blocos de empresas prestes a serem assaltadas, cujas acções subiriam repentina e acentuadamente. De um dia para o outro, um desses arbitradores, Ivan Boesky, entrou no jogo. O seu objetivo não era tomar conta do estúdio, mas apenas aproveitar a escalada antecipada do valor das acções que se seguiria naturalmente a qualquer compra súbita e importante - a de Steinberg, a de Roy E. Disney ou a sua própria. Boesky tornou-se assim o quarto maior acionista do estúdio Walt Disney".

No final, não fez qualquer diferença qual dos carneiros acabou por assumir o controlo. O chagal vencedor foi Michael Eisner, responsável pela distribuição de "épicos" como o anti-nazi "Os Salteadores da Arca Perdida", a mistura de raças "Um Oficial e um Cavaleiro" e o descaradamente bolchevique "Reds". Com base nestes filmes financeiramente bem sucedidos, embora artística e moralmente questionáveis, o conselho de administração da Disney, desmoralizado após o pagamento de 325 milhões de dólares de "chantagem" a Saul Steinberg, permitiu que Eisner se tornasse o diretor do estúdio. Como era de esperar, Eisner abriu as portas da Disney aos seus colegas escolhidos, como Jeffrey Katzenberg e Richard Frank, ambos executivos da Paramount, que salvaram o estúdio da destruição financeira através de despedimentos em massa e da redução drástica do elevado padrão de valores de produção instituído por Walt.

A Disney Productions recuperou de facto a nível económico, mas nunca recuperou a nível artístico. "No entanto, entre os aplausos estavam as vozes descontentes de muitos veteranos da Disney. Os animadores da velha guarda, em especial, estavam perturbados com o estilo de animação quase totalmente computadorizado do estúdio. Embora o próprio Walt adorasse a inovação técnica, a sensação entre muitos veteranos da Disney era que o estúdio tinha abandonado a sua herança criativa, a arte da animação desenhada à mão ao serviço da narração de histórias. Os novos filmes, queixavam-se, não pareciam mais do que repetições mal disfarçadas de originais muito melhores. Um animador de longa data da Disney afirmou que "Querida, encolhi as crianças", com o seu motivo maior e mais pequeno, não passava de um remake de "Alice no País das Maravilhas". Um veterano story-man sugeriu que a personagem de Roger Rabbit era muito parecida com o Oswald original de Walt.

É claro que a verdadeira razão por detrás da despersonalização e da qualidade genérica do atual produto Disney reembalado não se deve a nenhuma nova técnica informática, mas pode ser encontrada nos homens de negócios sem rosto que controlam agora o vasto império Disney que os seus semelhantes nunca foram suficientemente criativos para imaginar ou construir. Até o identificável Eisner desapareceu: "Desconfiado, talvez, com a promessa do Presidente Bill Clinton de um imposto mais rigoroso sobre as mais-valias, (ele) trocou a maior parte das suas opções de compra de acções e levou para casa um cheque de 192 milhões de dólares.

"Numa taberna de Burbank, o filho de um dos primeiros cineastas da Disney estava sentado num balcão a beber um uísque com soda. Abanou a cabeça, bebeu um gole



NS KAMPFRUF
KAMPFGRUPPE DER NATIONALSOZIALISTISCHEN DEUTSCHEN ARBEITERPARTEI AUSLANDS- UND AUFBAUORGANISATION

Der Kampf geht weiter !

Seitlang Jahre nach der Kapitulation der Wehrmacht am 8. Mai 1945 ist die nationalsozialistische Bewegung endlich da, ja sogar in der Nachkriegszeit. Und zwar nicht nur in Deutschland, sondern auf globaler Ebene!

Manchmal von Unwissenheit, Verleumdung, Verfolgung und Verhöhnung haben nicht abgerückt, das Kreuz der goldenen Aue umgeben hat glühenden Führer Adolf Hitler zu entdecken.

Alle Nationalsozialisten sind vorwiegend aktive und Kampfbereitschaften. Sie sind nicht nur in Deutschland, sondern in allen Ländern der Welt. Die Bewegung ist eine starke geworden, aber die Gefahr des biologischen Völkermord ist heute noch viel größer als in der Vergangenheit.

Die vorerwähnte Gefahr ist allen dabei, die Völkermord - gegen alle weißen Völker (V) - zu begehen. Seine Mittel sind Erziehung, Überführung und Rassenmord.

Ob "jap" oder "slip", ob im Weltkrieg oder im Braunkohle, ob im Propagandamaterial, bewahrt alle auf einem Schicksal. Jeder Art jeder Nationalsozialisten hat seine Pflicht!

Hilf Hitler!
Gottard Lauck



TROTZ VERBOT NICHT TOT!



Boletim de Notícias NS
www.nsdapao.org
#1805 19.06.2022 (133)
NSDAP/AO: PO Box 6414 - Lincoln NE 68506 - USA

Relatório Frontal
Entrevista com Molly
Terceira parte

NSK: Os seus projectos actuais são obviamente filosóficos e relacionados com a arte.

Por favor, descreva a sua opinião sobre o impacto de tais tópicos na política.

Molly: Bem, ainda tento actualizar a galeria de fotografias, mas sobretudo tenho-me concentrado em Adolf Hitler e no Exército da Humanidade (www.movingthefrontier.com truth.htm). Estou agora com 21 páginas, e tenho muito mais para fazer. Estudiar a II Guerra Mundial é um campo minado absoluto de informação. Procuramos informação sobre uma coisa e encontramos mais duas coisas para pensar. Sente-se um pouco como se fosse um arqueólogo, desenterrando o passado




The Fight Goes On !

Seventy years after the capitulation of the Wehrmacht on May 8, 1945, the postwar National Socialist movement is stronger than ever not only in Germany, but throughout Europe.

Decades of mass murder, expulsion, persecution, and defamations have not sufficed to destroy the world of the brilliant idea of our much loved Führer Adolf Hitler.

All National Socialists and other racially-aware Europeans and racial kinemen fight side by side for the preservation of our White folk.

The movement has indeed become stronger, but the danger of biological folk death is also much greater today than in the past.

The desperate enemy is in the process of committing genocide against all White folk. His means are neo-White invasions, culture denigration, and neo-racism.

Whether "jap" or "slip", whether in election halls or street battles, whether armed with propaganda material or on a battlefield of a different kind every National Socialist must do his duty!

Hilf Hitler!
Gottard Lauck



TROTZ VERBOT NICHT TOT!

O NSDAP/AO é o maior fornecedor Mundo da propaganda nacional-socialista!

Revistas impressas e online em vários idiomas
Centenas de livros em quase uma dúzia de idiomas
Mais de 100 sites em dezenas de idiomas



BOOKS - Translated from the Third Reich Originals!
www.third-reich-books.com

- SS Defender against Bolshevism by Reichführer SS Heinrich Himmler. FOR DANMARK! MOD BOLCHEVISMEN!
- The Poisonous Mushroom by Julius Streicher. Der Giftpilz.
- Hitler in Italy by Heinrich Hoffmann. HITLER in ITALIEN.
- SS Viewpoint - Vol. 9 Wife and Family.
- The Sins of High Finance by Theodor Fritsch.
- Luftwaffe War Art Die Luftwaffe im BDA.



NSDAP/AO
Fight Back!



nsdapao.org
Contact us to find out how YOU can help!

e recostou-se. O que achas que o velho Walt pensaria de um judeu ganhar tanto dinheiro com o seu estúdio?

Assim termina a última biografia do maior animador do mundo. A capa apresenta a sua fotografia na sombra de um perfil sinistro, obviamente destinado a pertencer a Walt Disney. Mas a imagem, com ar de escaravelho, boca gananciosa e nariz de gancho, não tem qualquer semelhança com o criador ariano de "Branca de Neve" e "20.000 Léguas Submarinas".